



SOL

14-06-2013

Periodicidade: Semanal  
 Classe: Informação Geral  
 Âmbito: Nacional  
 Tiragem: 58246

Temática: Sociedade  
 Dimensão: 924  
 Imagem: S/Cor  
 Página (s): 22/23

# CAMPANHA NAS ESCOLAS CONTRA NOVAS DROGAS

Sónia Balasteiro  
 sonia.balasteiro@sol.pt

Chama-se '+ Smart és Tu' e vai estar nas secundárias de Lisboa já em Setembro, para informar e alertar os adolescentes sobre os perigos das novas drogas sintéticas. E o objectivo é chegar depois a todas as escolas do país.

O lema da campanha - '+ Smart és Tu' - identifica de imediato o objectivo do primeiro projecto nacional de sensibilização dos jovens para os efeitos das *smart drugs* (cuja venda foi ilegalizada há dois meses), que pretende estar nas escolas secundárias de todo o país já no próximo ano lectivo: «Esta é a geração *smart*. Estamos na era tecnológica, em que os mais novos têm acesso a tudo através da internet, dos *smartphones*, e de uma forma pouco filtrada. E é com eles que queremos trabalhar para descontruir as ideias pré-concebidas que têm em relação a estas novas drogas», explica Joana Paula Silva, impulsionadora da campanha.

Para desenhar o projecto e a campanha nas escolas, esta investigadora do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES), do Instituto Superior Universitário de Lisboa (ISCTE) par-

tiu de um estudo que realizou, já em 2011, sobre o consumo de drogas em contexto festivo.

Ao longo desse estudo, percebeu que a maioria dos jovens - 75% da sua amostra inicial - já conhecia as então chamadas *legal highs*, e que a única informação que havia sobre as mesmas era disponibilizada na internet «pelas próprias *smartshops* que vendiam os produtos», num claro conflito de interesses. «A sociedade estava a esquecer as grandes vítimas destas drogas: os mais jovens. Era preciso informá-los e perceber o que eles pensam», explica Joana Silva.

Para a investigadora, a recente legislação - que proíbe a venda de 159 dessas substâncias, estando em vigor desde 18 de Abril passado, depois de 34 casos de surtos psicóticos que deram entrada nas urgências hospitalares de todo o país - «é fundamental», mas não chega. «É preciso investir em pre-

venção e educação para a saúde pública», salienta, através de investigação e de «acções de sensibilização não formal, focadas nas escolas, do 3.º ciclo ao meio académico» - ou seja, para jovens a partir dos 15 anos.

## Equipas do CNJ vão ter formação específica

O projecto, além do CIES, conta com o apoio do Conselho Nacional da Juventude (CNJ) e do Instituto Português da Juventude (IPJ). Está já assegurada a disponibilização de uma equipa de dez pessoas da chamada bolsa de educação não formal do CNJ, que actuarão como formadores nas escolas.



«Esta equipa vai ser formada por técnicos do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Toxicodependências (SICAD), que tem todo o

*know how* em termos de comportamentos desviantes e poderá formar estes moderadores para actuar nas escolas», explica Ivo Santos, presidente do CNJ, a entidade responsável pela bolsa de educação não formal, composta por jovens com um máximo de 30 anos - a que pertence Joana Paula Silva, ela própria com 25 anos.

A idade próxima da dos jovens que frequentam o secundário é, de resto, um dos pilares da educação não formal, que parte das «motivações e crenças dos jovens para desconstruir, através do debate, as ideias, preconcebidas e os mitos que cada indivíduo traz», explica a investigadora.

A campanha '+ Smart és Tu' in-

«Esta é a geração *smart*, do acesso fácil às novas tecnologias. Queremos trabalhar com eles», explica Joana Silva, mentora da campanha



## Smartshops fecharam ou vendem chás

A maior parte encerrou portas, garante a ASAE. As outras adaptaram-se à nova lei e vendem «produtos naturais».

Dois meses depois da entrada em vigor da lei que proíbe a venda e promoção das novas drogas psicoactivas, a maioria das 40 *smartshops* do país encerrou portas, avançou ao

SOL fonte oficial da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE), admitindo, porém, que o organismo ainda não realizou inspeções a estas lojas. «Atendendo ao tempo decorrido, é ainda prematuro fazer qualquer avaliação», justifica Filipe Meirinho, acrescentando que «não é habitual a ASAE, logo após a entrada em vigor de uma medida, iniciar de imediato acções de fiscalização».

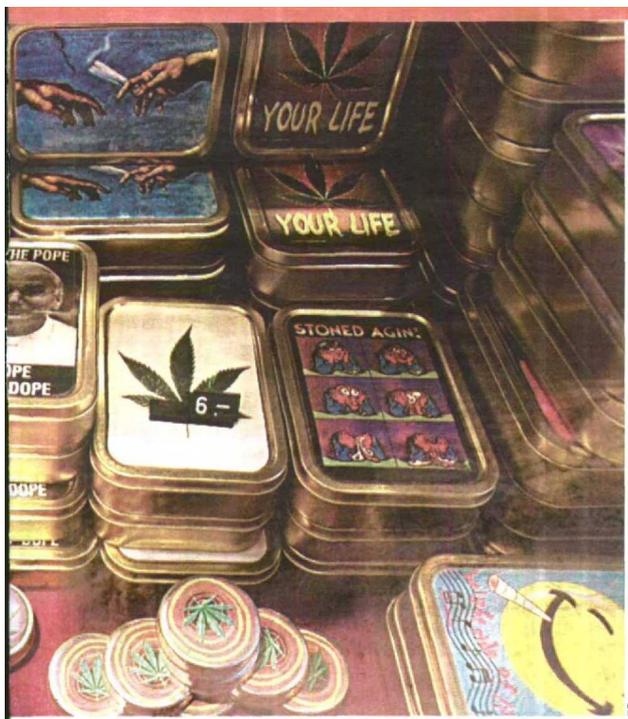
As restantes lojas adaptaram-se à nova lei, diz a mesma fonte, sublinhando que o organismo acompanha «de perto» estes operadores.

A cadeia Magic Mushroom, por exemplo, uma das poucas que terá conseguido sobreviver, mantém abertas apenas seis *smartshops* - em Viseu, Lisboa, Espinho, Almada, Coimbra e Portimão. «Não produzimos nenhum dos produtos considerados pela nova lei,

entregámo-los às autoridades», garante Lia Azevedo, responsável pela comunicação da cadeia. Mas, acrescenta, «continuamos a ter diversa parafernália de produtos naturais, uma gama de chás, produtos afrodisíacos, entre muitos outros».

Na loja do Bairro Alto, por exemplo, vendem-se três tipos de chás: relaxantes, energizantes e psicadélicos.

S.B.



clui ainda uma plataforma de divulgação *online* e, por enquanto, reside no blogue *Salviainos*. Em Setembro, partirá para o terreno de todas as escolas secundárias do distrito de Lisboa que aderirem ao '+ Smart School', para recolher dados junto da população juvenil, num universo de cerca de oito mil alunos. «Aguardamos apenas a resposta do Ministério da Educação, porque estamos a falar de menores», explica Joana Silva, que dedicou a sua tese de mestrado às representações sociais das *smart drugs*.

#### Primeiros dados até ao final deste ano

O objectivo é ter os primeiros dados do estudo-piloto até ao fim deste ano. «Vamos funcionar por semestres. Pretendemos ter uma avaliação no distrito de Lisboa e fazer de imediato a intervenção» nas escolas secundárias, adianta Joana Silva. A seguir, o '+ Smart é Tu' deverá ser transposto para todo o país.

Ivo Santos acrescenta: «Estamos perante um fenómeno totalmente novo, sobre o qual ainda existe muito pouco conhecimento. O facto de estas novas substâncias psicoactivas terem sido proibidas por lei não significa que os jovens não continuem a ter acesso às mesmas, através de outros canais, como

os *dealers* tradicionais». Certo é que, depois da abertura, em 2007, da primeira *smartshop* no país, os casos de intoxicação aguda, alguns resultantes em morte, não pararam de aumentar, revelando um mercado para o qual as autoridades não estavam preparadas.

#### 693 lojas virtuais de droga

Segundo dados do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodpendência, de Janeiro, há 693 lojas virtuais que vendem este tipo de produtos, muitos em Português.

«Portugal levou demasiado tempo a proibir as novas substâncias sintéticas», considera Oscar Spierings, holandês de 29 anos, que manteve aberta uma *coffee-smartshop* em Vila Nova de Gaia, entre 2011 e 2012, e foi o único produtor destas drogas a actuar no país. Salaria que era previsível que a proibição iria «originar um mercado negro». Controlar esse mercado é agora o grande desafio das autoridades: «Quem consumia estas drogas, não vai deixar de as procurar, são equivalentes às outras e são muito mais baratas. E quando há procura, há oferta» alerta. «As autoridades têm de controlar as fronteiras. É fácil um produtor da China, através de Hong-Kong, colocar um produto na Croácia ou na Polónia, países que fazem parte da UE», conclui.